

A IMPORTANCIA DE CONHECER A LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Viviana Sousa Ramos (autora)
Alessandra Correia Cunha Lima (Coautora)
Vanessa Melo Silva (coautora)
Michelle Melo Gurjão Roldão (Orientadora)

Faculdades Integradas de Patos (Pós-FIP) e-mail: viviana1sousa@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e-mail: alecorreiacl@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e-mail: vanessaagape28@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e-mail: michelle.tutoraletraslibras@gmail.com

Resumo: O presente texto busca compreender a importância de conhecer libras na educação infantil utilizando as diversas tecnologias como ferramenta de aprendizagem. Será desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa. Foi organizado a partir de estudos bibliográficos, fundamentado nas contribuições teóricas de autores como: Lev Vygotsky (1896 – 1934), Saussure, Bakhtin, entre outros. Abordamos nesse trabalho aspectos relacionados a interação entre crianças surdas e ouvintes, analisando a importância dessa convivência para ambos. Também será apontado neste trabalho as modificações que são feitas pelo tempo na forma de ensinar e aprender, as quais os professores nem sempre acompanham. Então veremos a importância de um professor atualizado para que enfim se conceda a interação entre surdos e ouvintes.

Palavras-chave: 1. Libras 2. Ensino 3. Aprendizagem 4. Educação Infantil

1. INTRODUÇÃO

Dentre os diversos assuntos ligados à infância, elegemos como objeto de estudo algumas questões relacionadas à contribuição da psicologia histórico-cultural e à importância da utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na educação infantil. Para este estudo, respaldamo-nos nos conceitos da psicologia histórico-cultural desenvolvidos por Lev Semynovitch Vygotsky (1896-1934), apresentando suas principais contribuições sobre o tema. A pesquisa tem como objetivo apresentar os instrumentos linguísticos que são desenvolvidos na educação infantil para crianças surdas e ouvintes a partir do uso das tecnologias como ferramenta de aprendizagem.

A inserção das tecnologias na educação a cada dia sua presença pode ser notada dentro das salas de aula. Mas muitos professores ainda se mostram resistentes a essas tecnologias e, por não receberem uma formação adequada para o seu uso, acabam por utilizar de forma errada, limitando assim as vastas possibilidades que podem proporcionar à sua prática pedagógica. A forma de ensinar e aprender sofre modificações com o decorrer do tempo e o professor deve estar inserido nessas mudanças e se adaptar ao novo.

Embora tenha havido grandes revoluções na educação, proporcionando a todos o direito ao ingresso e à permanência no ambiente escolar, questiona-se por qual razão muitos educadores não se sentem preparados para receber alunos surdos. Nesse sentido, propõe-se desenvolver uma pesquisa que auxilie o professor a trabalhar a linguagem em suas diferentes modalidades, através da interação entre alunos surdos e ouvintes.

O docente necessita ver, em sua prática, as oportunidades que essas novas tecnologias digitais podem lhe oferecer, ter uma familiarização, possibilidades e limites, não que as demais atividades realizadas em sala sejam descartáveis, como a narrativa oral e escrita. Mas a diferença se encontrará a partir do momento em que houver uma melhor compreensão acerca desses saberes que circundam toda a sociedade da informação, visto que o professor deve sempre rever sua prática, já que seu alvo é proporcionar a aprendizagem.

Os espaços de aprendizagem não se limitam apenas à sala de aula, até porque todo o processo acontece dentro e fora da escola. Mas é claro que a escola continua e continuará sendo o lugar do conhecimento, é ali onde os alunos sempre encontrarão professores que serão mediadores entre eles e o conhecimento. Esses novos espaços tecnológicos modificam e ampliam o que se fazia em sala de aula, portanto o professor deve se preocupar e atender a essa grande demanda de necessidades educacionais que tem surgido.

Do ponto de vista metodológico, o professor precisa aprender a equilibrar processos de organização e de “provocação” na sala de aula. Uma das dimensões fundamentais do educar é ajudar a **encontrar uma lógica dentro do caos de informações** que temos, organizar numa síntese coerente (mesmo que momentânea) das informações dentro de uma área de conhecimento. Compreender é organizar, sistematizar, comparar, avaliar, contextualizar. Uma segunda dimensão pedagógica procura **questionar essa compreensão, criar uma tensão para superá-la**, para modificá-la, para avançar para novas sínteses, novos momentos e formas de compreensão. Para isso, o professor precisa questionar, tensionar, provocar o nível da compreensão existente. (MORAN. 2004)

O avanço que se tem hoje não pode ser encarado como barreira para o ensino e a aprendizagem, mas como um auxílio nesse processo. É isso que Moran tanto enfatiza em seus livros e artigos publicados.

Nos últimos tempos, estudos e pesquisas acerca de processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil nos mostram a importância de observar e qualificar o atendimento de crianças na sua fase de ingresso nas escolas, melhorando as práticas pedagógicas para desenvolver temáticas que possam repensar as atitudes na ação docente, impedindo que a infância das crianças seja prejudicada.

As mudanças e adaptações das práticas pedagógicas proporcionam atividades interessantes que cativam a curiosidade do aluno. Portanto, são atividades concretas e

criativas que poderão guiar o professor no desenvolvimento das capacidades de seus alunos, com a perspectiva em relação ao aluno e a suas diferenças.

De acordo com Aquino et al. (2006),

A aprendizagem com o uso de objetos multimídia poderá efetivamente ocorrer com a participação dos aprendentes em situações de interação e simulação e atividade conjunta com outros indivíduos mais competentes no uso das tecnologias e suas novas linguagens. Entretanto, essas novas formas de aprendizagem não devem negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo; ao contrário, devem ativar a inteligência, a memória, o raciocínio, o sentido estético, as capacidades físicas e a aptidão para os indivíduos comunicarem-se. (AQUINO et al., 2006, p. 162).

Diante das várias questões levantadas e a ênfase que se tem dado ao uso dessas novas propostas pedagógicas, é preciso que haja uma maior acessibilidade do pedagogo a essas novas possibilidades. Nós, como professores, devemos sempre procurar inovar e tornar nossa prática eficaz, não nos acomodando à nossa prática de ontem, mas procurando como eternos pesquisadores e estudiosos praticidade ao conteúdo trabalhado em sala.

Como objetivo geral propomos analisar como os instrumentos linguísticos são desenvolvidos na educação infantil para crianças surdas e ouvintes. E como Objetivos Específicos são: Discutir a participação dos professores no processo de educação inclusiva; Compreender a importância dos estudos da Língua Brasileira de Sinais e da cultura surda como processo de inclusão social e educacional; Destacar como o ambiente escolar tem proporcionado a interação entre os alunos ouvintes e surdos; Estudar as atividades e linguagens necessárias para o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da criança, segundo as normas de saberes e as práticas da inclusão na educação infantil.

2. PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), o papel do professor é desenvolver nas crianças a formação pessoal e social e o conhecimento do mundo, proporcionando-lhes a questão de identidade e autonomia, e os conhecimentos gerais que envolvam: movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática. Para que possamos desenvolver o que o RCNEI sugere, utilizaremos como métodos as atividades sugeridas na cartilha *Educação Infantil: Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*”, disponibilizada pelo MEC. Além disso, será utilizado o vídeo, tendo em vista que:

O trabalho com o vídeo assume uma perspectiva imagética já que os usos que damos ao vídeo nos permitem uma descrição de conjuntos de ações complexas e difíceis de serem descritas, pois em geral exigem vigilância atenta do observador, que pode não conseguir captar alguns detalhes interativos das situações rotineiras. (BORGES, 2015, p. 103).

Outros recursos que serão utilizados para a realização do projeto serão fotografias, apresentação de imagens em sala de aula e materiais didáticos em Libras que estimulem a linguagem existente entre os surdos.

O estudo sobre a linguagem é considerado um dos temas mais complexos para análise na psicologia. Os conceitos de linguagem, língua, fala e signo linguístico foram estudados por diversos autores, mas foi Saussure, em 1916, que iniciou os conceitos, por isso ele é considerado o pai da Linguística. Com base em seus estudos, a linguística passou a ser reconhecida como ciência.

De acordo com Goldfeld (2002), a linguagem para Saussure é formada pela língua e pela fala. A língua é compreendida, por ele, como “o sistema de regras abstratas, composto por elementos significativos inter-relacionados” (GOLDFELD, 2002, p. 17). A fala, na visão do autor, é vista como “o aspecto individual da linguagem, são as características pessoais que os falantes imprimem na sua linguagem. Em relação à linguística, Saussure não considerou a fala como objeto de estudo da linguística e, por isso, não a enfatizou em seus estudos” (GOLDFELD, 2002, p. 18).

O conceito de signo, para Saussure, “é composto por duas partes, o significado, que é o conceito, e o significante, que é a imagem acústica” (GOLDFELD, 2002, p. 21). Para o autor, o signo segue os princípios da arbitrariedade, da linearidade, da mutabilidade e da imutabilidade.

De acordo com Fernandes (2003, p. 18), o conceito de signo é uma das referências básicas para compreender o estudo da aquisição da linguagem. Para que possamos fundamentar o estudo, apresentaremos também os conceitos de linguagem, língua, fala e signo linguístico discutidos por Vygotsky e Bakhtin.

Fazer uma análise conceitual dos termos utilizados por Vygotsky não é uma tarefa fácil, afirma Goldfeld (2002), tendo em vista que a concepção de linguagem e fala para Vygotsky difere bastante das noções de Saussure, e o autor não explica claramente seus conceitos como Saussure fez.

A noção de linguagem para Vygotsky é tudo que envolve significação e não se restringe apenas à comunicação. É por meio da linguagem que se constitui o pensamento do indivíduo. Para o autor, a linguagem tem duas funções básicas: intercâmbio social e

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

pensamento generalizante. A primeira função é a principal da linguagem e tem como objetivo a comunicação, por exemplo, quando o bebê ainda não sabe falar, ele se comunica através de sons, gestos e expressões. A outra função é o pensamento generalizante, que é tornar a linguagem um instrumento de pensamento.

A noção de fala para o autor “não se refere ao ato motor de articulação dos fonemas e sim à produção do falante, que deve ser sempre analisada na relação de interação, no diálogo” (GOLDFELD, 2002, p. 18). Vygotsky não concorda com o conceito de signo apresentado por Saussure e diz que este não é imutável. Para ele, o significado difere no decorrer do desenvolvimento do indivíduo. Fernandes (2003) afirma que, para Vygotsky,

A compreensão de que há um desenvolvimento individual, independente da relação social objetiva, mostra que os significados de um signo modificam-se à medida que a criança se desenvolve e, também, de acordo com as várias formas pelas quais o pensamento funciona. Assim, embora segundo a realidade objetiva (social) um indivíduo saiba o que significa o vocábulo “saudade”, por exemplo, não terá a mesma compreensão deste significado aos 7 e aos 17 anos de idade cronológica. (FERNANDES, 2003, p. 19).

A aquisição da linguagem para Vygotsky não termina quando a criança pode dominar as estruturas linguísticas, já que os significados continuam evoluindo. Ele introduziu, além do significado, a noção de sentido, tendo em vista que o sentido depende da história do indivíduo e do contexto no qual o diálogo ocorre, ou seja, ele não preexiste. Goldfeld (2002) afirma que:

O significado então é uma parte mais estável do signo. Os falantes podem se comunicar por compartilharem significados. No entanto, o sentido atribuído às palavras são sempre inéditos, já que este é particular e emerge na interação verbal. (GOLDFELD, 2002, p. 23).

Bakhtin discorda da concepção apresentada por Saussure sobre a língua, afirmando que:

O autor diz que o falante de uma língua não a reconhece como um sistema de normas abstratas e sim como um conjunto de significações dadas em um determinado contexto. (GOLDFELD, 2002, p. 19).

E acrescenta ainda que a língua, “é o elo [...] entre o psiquismo e a ideologia, que formam uma relação dialética indissolúvel” (GOLDFELD, 2002, p. 20). Como podemos perceber, existe uma semelhança muito grande entre as noções de linguagem para Vygotsky e língua para Bakhtin. De acordo com Schutz (2016), Vygotsky afirma que,

a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter, bem como na construção de conhecimento do indivíduo. Aqui a teoria de Vygotsky se aproxima da hipótese Sapir-Whorf, de que “a estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira com que esta pessoa percebe o universo”. (Schutz, 2016).

Após a apresentação dos conceitos apresentados por Saussure, Vygotsky e Bakhtin, abordaremos os conceitos de linguagem para os surdos.

O termo “sinal”, citado em referência à oposição de signos na concepção de Bakhtin, não é o mesmo discutido nos estudos sobre a surdez. Este é utilizado para designar os elementos lexicais da língua de sinais, ou seja, é o signo linguístico da mesma forma que as palavras da língua portuguesa (GOLDFELD, 2002, p. 24). Em relação ao termo, a autora afirma que:

Na área da surdez, é comumente utilizado para designar a enunciação produzida pelo sistema fonador – não pode ser confundida com o conceito de fala para Vygotsky. Assim, sempre que me referir ao primeiro conceito de fala, utilizarei o termo oralização, que deve ser entendido em oposição a sinalização, que é a fala (no sentido de Vygotsky) produzida pelas mãos.

Após a definição desses conceitos, discutiremos como ocorrem a aquisição e o desenvolvimento da linguagem das crianças surdas. Na cartilha disponibilizada pelo MEC sobre dificuldades de comunicação e sinalização – surdez, afirma-se que o desenvolvimento da linguagem para o surdo ocorre em duas etapas: a pré-linguística e a linguística.

Na primeira, a criança desenvolve duas linguagens: a interior e a receptiva. A linguagem interior está relacionada à experiência com os símbolos visuais ou auditivos quando lhe for ensinada a língua oral.

A criança surda adquire linguagem interior ao relacionar a experiência que está vivendo com a sinalização ou com a fala de uma pessoa. O professor deve colocar a criança surda em contato direto com pessoas e ambientes diferentes e variados para que ela assimile não somente o que é, mas para que serve e como utilizar o ambiente, os objetos. (BRASIL, 2006, p. 60).

É importante que haja interação entre a criança surda e pessoas ouvintes, pois quanto maior o número de experiências vivenciadas pela criança, maior será o conhecimento que ela utilizará na fase posterior, que é a linguagem receptiva, em que a criança desenvolve a leitura oro-facial, mas conhecida como a leitura labial. É por meio dela que surge o entendimento da língua de sinais e do português escrito, possibilitando a compreensão do seu sentido e significado.

A etapa da linguagem expressiva na fase linguística é o momento em que a criança colocará em prática tudo o que aprendeu, terá a oportunidade de colocar em prática o uso da língua portuguesa, bem como o da língua de sinais. É nesse momento que o professor perceberá se a criança aprendeu o que foi trabalho nos níveis anteriores.

Nessa perspectiva, compreendemos que a LIBRAS é muito importante e deve ser trabalhada em sala de aula desde as séries iniciais. Andrade (2016) afirma que:

Não é apenas importante o profissional em educação dominar a língua de sinais como também passa em sala de aula, o que tornaria mais fácil o trabalho de ensino da língua de sinais se começássemos a desenvolver com as crianças desde a educação infantil, assim como iniciamos o ensino – aprendizagem da língua portuguesa. (ANDRADE, 2006, p. 1).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que estudar a LIBRAS desde a educação infantil é de extrema importância, pois possibilita à criança surda interagir com crianças ouvintes, e ambas aprender juntas, facilitando a comunicação entre elas.

O método a ser utilizado neste estudo será de natureza qualitativa. De acordo com Chizzutti (2013), a pesquisa qualitativa se define como “um esforço durável de observações, reflexões, análises e sínteses para descobrir as forças e as possibilidades da natureza e da vida, e transformá-las em proveito da humanidade” (CHIZZUTTI, 2013, p. 9). A pesquisa será desenvolvida através de um estudo bibliográfico. Para Michaliszyn e Tomasini (2012), “trata-se da pesquisa desenvolvida a partir de referências teóricas que apareçam em livros, artigos, documentos, etc. Vale-se de materiais que ainda não receberam tratamento analítico e são necessárias para fundamentar a pesquisa empírica...” (MICHALISZYN e TOMASINI, 2012, p. 51).

Este estudo tem, como sujeito de pesquisa, crianças surdas e ouvintes que estão presentes em sala de aula inclusiva. A partir da leitura bibliográfica, apresentaremos instrumentos que auxiliem o professor na interação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem na transmissão do conteúdo trabalhado em sala de aula.

4. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Liz do Nascimento; FONTES, Patrícia Oliveira. O ensino da segunda língua Brasileira (LIBRAS) na educação infantil. In: VIII FIPED.2016. **Anais...** Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1838_c646119e204e586fff5efd8b80d0b881.pdf>. Acesso em: 06 set. 2017.

AQUINO, Mirian de Albuquerque; COSTA, Antônio Roberto F. da; BEZERRA, Lebian Tamar S.; LEANDRO, Heloisa Cristina da Silva. **Os objetos multimídia como dispositivo de inclusão na sociedade da aprendizagem:** uma questão de pesquisa. Inf. & Soc.: Est, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 157-172, jul/dez. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/627/1484>>. Acesso em: 15 set. 2017.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

BORGES, Luís Paulo Cruz. Os usos de imagens nas pesquisas qualitativas. In: CASTRO, Paula Almeida de (Org.). **Inovação, ciência e tecnologia: desafios e perspectivas na contemporaneidade** (livro eletrônico). Campina Grande: Editora Realize, 2015. p. 101-111. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/ebook_conedu/trabalhos/ebook_conedu.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 12 set. 2017.

_____. **Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. 4. ed.– Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal [et al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

MICHALISZYN, Mario Sergio. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias. In: ROMANOWSKI, Joana Paulin et al (Orgs). 12º ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – , in . **Conhecimento local e conhecimento universal: Diversidade, mídias e tecnologias na educação**. v. 2, Curitiba, Champagnat, 2004. (p. 245-253).

SCHUTZ, Ricardo. **Vygotsky & Language Acquisition**. 2016. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-vygot.html>. Acesso em: 18 de set. 2017.